

Proposições

Hamilton Faria e Pedro Garcia

A conexão arte-sociedade

A arte é inseparável da realidade social, econômica, política e cultural dos diversos países. Hoje, ela tem um papel fundamental na religação da sociedade, na reorganização do tecido social desfeito pela mercantilização das relações e pela violência. Particularmente entre os jovens, a arte torna-se a única linguagem possível de compreensão, de comunicação entre gerações. Com a homogeneização do discurso de mudança, a política tem pouco a dizer, e a arte assume uma importância nunca vista.

A crise de paradigmas traz para o campo da resolução dos problemas a incerteza, a poética, o imprevisível e não apenas a certeza anterior. Quando se fala do papel da arte, não se quer dizer que ela deva servir a uma boa causa, empobrecendo-se esteticamente. A beleza é fundamental para os seres humanos e com isso a arte vale por si.

No entanto, é preciso contextualizar seu poder criativo, seus usos e sua capacidade de gerar encantamento. Todos devem ser criadores de arte e não apenas alguns poucos. Portanto, o direito de criar é condição de uma qualidade de vida superior. Deve-se facilitar o acesso dos povos à arte e lutar por um consumo de qualidade.

Finalmente, a arte tem o papel de tornar o mundo digno de ser vivido, reencantando-o, tornando-o um lugar não apenas de luta pela sobrevivência cotidiana, mas um lugar de imaginação criadora, de sonho e de utopia. É fundamental reafirmar a importância da arte como impulso transformador de pessoas portadoras de uma nova visão do ser humano, capaz de elevar a sua auto-estima, de humanizar e emancipar o espírito. Enfim, de contribuir para o aprimoramento das pessoas e das sociedades.

Estimular a responsabilidade social do artista

Ezra Pound afirma que os artistas são as antenas da raça. No nosso entender, isso quer dizer que a sensibilidade capta linguagens, imagens, realidades além do mundo concreto e do imaginário. A arte é produto da imaginação criadora, mas é também problematizadora do real. Octavio Paz diz que através da poesia revela-se um mundo e cria-se outro. Por tudo isso o artista tem um lugar importante na sociedade, é merecedor de um respeito especial pela sua sensibilidade e criatividade, torna-se muitas vezes referência e, algumas vezes, mito. A arte contribui, por sua vez, para formar uma comunidade de emoções. Logo, o papel do artista é central para mudar a realidade dos países e enriquecer o imaginário, melhorando, assim, a qualidade de vida material e espiritual.

Além da sua arte, o artista, como cidadão, pode gerar referências de comportamentos éticos e contribuir para mudanças políticas e culturais nas sociedades, pois a modernização e a globalização tendem a criar uma cultura de mercado que nega os ricos processos culturais dos diversos países.

Defender o direito à cidadania cultural

É central em nossas sociedades não apenas a defesa de uma melhor qualidade de vida material, do desenvolvimento econômico, da superação da pobreza, da melhoria das condições de vida, da preservação do meio ambiente, da renovação política, mas também do direito à cultura e à cidadania cultural. Nas sociedades contemporâneas, essa deve ser uma trincheira de luta permanente.

A defesa da cidadania cultural deve ser entendida também como o direito à invenção sem negar a valorização da cultura ancestral. Inspirados por Marilena Chauí, podemos afirmar que a cidadania cultural é o direito à liberdade de criação cultural, o direito à participação da sociedade nos processos de decisão cultural, o direito à informação, o direito à expressão da diversidade como fundamento de uma verdadeira democracia cultural. Hoje, a luta por sociedades justas e sustentáveis deve incluir a cidadania cultural como ingrediente imprescindível nos processos de mudança.

Fortalecer a diversidade cultural dos países e regiões e estimular a interculturalidade

Cada cultura tem sua história; sua riqueza é sua singularidade, sua formação própria. É no interior de sua diversidade que se encontram soluções para os grandes desafios da humanidade. No entanto, a defesa da diversidade como fator de enriquecimento cultural não deve impedir a interculturalidade nem permitir a defesa cega das tradições. Algumas culturas, ao mesmo tempo que vivenciam ricas narrativas e mitos, desrespeitam os direitos humanos. Isso é inaceitável. A experiência da interculturalidade pode trazer para essas culturas parâmetros de direitos desconhecidos em sua história.

Não há qualidade de vida superior e exercício pleno da cidadania sem a vivência da diversidade cultural. A unidade do país, da região ou da localidade não deve jamais inibir a vida concreta e o imaginário dessas sociedades.

Fortalecer a identidade cultural frente ao processo de globalização

O processo de globalização tem se expandido por todo o mundo e descaracterizado ricas culturas, mercantilizando relações antes apoiadas na vida comunitária, na gratuidade e nas trocas afetivas e simbólicas. A economia-mundo também tem estimulado o surgimento de uma cultura-mundo, isto é, de uma mundialização dos objetos e do imaginário. No entanto, os movimentos sociais e as fortes identidades locais têm criado um campo de reapropriação e reelaboração cultural, ou mesmo movimentos de resistência a uma mundialização que destrói e descaracteriza culturas. Entendemos que no local está a essência, e no global a aparência, como diz o professor Milton Santos.

A defesa da identidade não está em negar o processo de globalização, ou seja, o encontro de várias culturas no mundo, mas em fortalecer tradições e rupturas com o rosto e as cores dos impulsos mais generosos da localidade. É assim que os seres humanos podem criar, a partir de suas heranças culturais, modos de vida sustentáveis. A defesa de uma globalização da solidariedade cosmopolita e multicultural, deve estar no nosso horizonte.

A partir da proteção do patrimônio cultural e artístico dos diversos povos, deve-se buscar a unidade e a complementação das culturas através do diálogo intercultural. Isso permite evitar o etnocentrismo e estimular a abertura de cada cultura para outras matrizes culturais. A valorização das raízes, etnias e raças, religiões, manifestações culturais, expressões artísticas e da história compartilhada deve ser a base sobre a qual se estruturam os processos identitários.

Proposições. In:

O reencantamento do mundo: Arte e identidade cultural na construção de um mundo solidário-

São Paulo: Pólis, 2002. 152 p. (Publicações Polís, 41)

ISSN 0104-2335

